

LEMBRAR & ESQUECER

TRADUÇÕES DE POEMAS DE ANETTE VON DROSTE-HÜLLSHOF, CHARLES
BAUDELAIRE, EMILY DICKINSON, E. E. CUMMMINGS, JORGE TEILLIER
E NATALIA GORBANEVSKAYA

Adalberto Müllerⁱ

ORCID 0000-0002-9067-9891

Universidade Federal Fluminense – Niterói, RJ, Brasil

1.

Meus versos sobreviverão
Enquanto eu desapareço,
Muitos estremecerão
Ao ler o que agora teço.
Talvez foi outro, o tecelão,
Mas de tudo já me esqueço!
Os versos, esses viverão,
Enquanto eu desapareço!

Meine Lieder werden leben,
Wenn ich längst entschwand,
Mancher wird vor ihnen beben,
Der gleich mir empfand.
Ob ein andrer sie gegeben,
Oder meine Hand!
Sieh, die Lieder durften leben,
Aber ich entschwand!

Anette von Droste-Hüllshof

(Hüllshof/Münster, 1797 - Meersburg, 1848)

2.

A rua barulhenta ao meu redor urrava
Esbelta e alta, em dor grande, e luto sentido,
Uma moça passou, com a mão elegante
Balançando o babado e a barra do vestido;

Ligeira e tão nobre, com umas pernas de estátua;
Extravagante bebi, tenso, o que dilata
Em seu olho celeste, germe de tormentas:
O Licor que fascina e o prazer que mata.

Relâmpago...e noite! Beleza fugidia
Cujo olhar me fez renascer por um segundo:
Além da Eternidade, te verei um dia?

Longe daqui, quem sabe! Ou nalguma *utopia*!
Pois perdi o teu rastro, e você, o meu rumo.
Mas teria te amado, e você bem sabia!

La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet ;

Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,
Dans son œil, ciel livide où germe l'ouragan,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.

Un éclair... puis la nuit ! – Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,
Ne te verrai-je plus que dans l'éternité ?

Ailleurs, bien loin d'ici ! trop tard ! jamais peut-être!
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
O toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais !

Charles Baudelaire
(Paris, 1821 - Paris, 1867)

3.

Tinha uma Jóia nas mãos –
E adormeci –
Brisa de verão... –
“É minha”! Eu disse.

Acordo – e xingo meus dedos,
A Gema – onde está?
Memória de Ametista –
É o que me resta –

I held a Jewel in my fingers –
And went to sleep –
The day was warm, and winds were prosy –
I said “Twill keep” –

I woke – and chid my honest fingers,
The Gem was gone –
And now, an Amethyst remembrance
Is all I own –

Emily Dickinson

(Amherst, MA, 1830 - Amherst, MA, 1886)

4.

na época do narciso (quem sabe
crescer é o fim de tudo o que vive)
lembrar o como e esquecer o porquê

na época do lírio que alerta
que sonhar é a meta de quem desperta
(parece esquecer) a lembrança é certa

na época da rosa (que o riso
ao nosso aqui e agora é o paraíso)
lembrar sim, mas esquecer se é isso

na época dos frutos do além
de tudo o que a tua mente retém,
busca esquecer (e a lembrança vem)

e se pintar o mistério no fim
(e o tempo nos livre do tempo enfim)
lembrando de mim, esqueça de mim

in time of daffodils (who know
the goal of living is to grow)
forgetting why, remember how

in time of lilacs who proclaim
the aim of waking is to dream,
remember so (forgetting seem)

in time of roses (who amaze
our now and here with paradise)
forgetting if, remember yes

in time of all sweet things beyond
whatever mind may comprehend,
remember seek (forgetting find)

and in a mystery to be
(when time from time shall set us free)
forgetting me, remember me.

e.e.cummings

(Cambridge, MA, 1894 - New Hampshire, 1962)

5.

Daria todo o ouro do mundo
para sentir de novo na blusa
as frias moedas da chuva.

Para ouvir girar a roda de arame
que um menino descalço
leva até a ponte sob o sol.

Para ver aparecerem
cavalos e cometas
nos baldios da minha infância.

Para outra vez sentir o cheiro
dos bons filhos da farinha
que se escondem sob a toalha da mesa.

Para sentir o sabor
do leite da aurora
que vai enchendo poços esquecidos.

Daria não sei quanto
para descansar na terra
com frias moedas de chuva
fechando minhas pálpebras.

Daría todo el oro del mundo
por sentir de nuevo en mi camisa
las frías monedas de la lluvia.

Por oír rodar el aro de alambre
en que un niño descalzo
lleva el sol a un puente.

Por ver aparecer
caballos y cometas
en los sitios vacíos de mi juventud.

Por oler otra vez
los buenos hijos de la harina
que oculta bajo su delantal la mesa.

Para gustar
la leche del alba
que va llenando los pozos olvidados.

Daríá no sé cuánto
por descansar en la tierra
con las frías monedas de plata de la lluvia
cerrándome los ojos.

Jorge Teillier

(Latauro, 1935 - Viña del Mar, 1986)

É hora de pensar não
nos prazeres carnaís,
e até esquecer dos espirituais.

É hora de contar um a um
os grãos da amargura
na costura de um patuá.

É hora, meu caro, é hora...

Пора подумать не
о наслажденьях плоти
и услажденьем духа тоже пренебречь.

Пора накопленную горечь
пересчитать по зернышку
и в ладанку зашить.

Пора, мой друг, пора...

Natalia Gorbanevskaya

(Moscou, 1936; Paris; 2013)

Recebido em 10/07/2020

Aceito em 18/08/2020

ⁱ **Adalberto Müller** é professor de teoria da literatura na UFF. Traduziu Francis Ponge, Paul Celan e Rainer M. Rilke. As suas traduções da *Poesia Completa* de Emily Dickinson (2. vol., Ed. UnB/Ed. Unicamp), e das *Teses sobre filosofia da História* (edição crítica), de Walter Benjamin (Ed. Alameda, com M. Seligmann-Silva), estão no prelo, bem como dois livros de contos: *O Traço do Calígrafo* (Ed. Medusa) e *Pequena filosofia do voo* (Ed. Patuá).
E-mail: adalbertomuller@gmail.com